

Contas externas: melhor resultado desde 1995

Dívida externa
Fatores negativos, como a alta do dólar e o freio na economia, ajudaram a reduzir déficit para US\$ 23,2 bi

Editoria de Arte

Enio Vieira, Isabel Sobral*
e Luciana Rodrigues

• BRASÍLIA e RIO. A forte desvalorização do real frente ao dólar e o ritmo mais lento de crescimento da economia em 2001 foram dois fatores negativos que ajudaram a reduzir o déficit nas contas externas do país para US\$ 23,2 bilhões, o mais baixo desde 1995. Em 2000, o déficit nas transações correntes com o exterior tinha sido de US\$ 24,7 bilhões.

As transações correntes são o resultado de exportações, importações, pagamento de juros, viagens internacionais e remessas de lucros pelas multinacionais. Essas contas são consideradas pelos analistas como o grande problema da economia e um dos entraves para a queda das taxas de juros.

Para ajudar a financiar esse déficit, o Brasil recebeu um volume de US\$ 22,6 bilhões em investimentos estrangeiros. O valor foi menor que os US\$ 32,8 bilhões de 2000 e não foi suficiente para cobrir todo o déficit, mas ficou acima dos US\$ 20 bilhões projetados em novembro. A parte do déficit que não foi coberta por esses investimentos foi financiada com captações do governo no exterior.

Projeções melhores para 2002 aliviam pressão sobre câmbio

Com o dólar mais caro e a economia em ritmo lento, a balança comercial saltou de um déficit de US\$ 730 milhões em 2000 para um superávit de US\$ 2,6 bilhões em 2001, devido à redução nas importações. Houve também uma queda expressiva nas viagens internacionais, que passaram de US\$ 2,1 bilhões para US\$ 1,5 bilhão.

— Não tínhamos um superávit na balança comercial desde 1994, e os serviços como juros e viagens estão bem comportados — disse o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, que projeta um déficit nos gastos correntes de US\$ 20 bilhões este ano e entrada de investimentos estrangeiros de US\$ 18 bilhões.

Segundo dados da sondagem semanal do BC, as perspectivas dos analistas de mercado também são de um déficit em conta corrente de US\$ 20 bilhões este ano. Mas os economistas prevêem um ingresso de investimentos estrangeiros de US\$



16 bilhões (menor do que as projeções do BC), o equivalente a 80% do déficit estimado.

No mês passado, o Brasil teve um déficit corrente de US\$ 1,783 bilhão, o melhor resultado para os meses de dezembro também desde 95. No mesmo período de 2000, o déficit foi de US\$ 2,971 bilhões.

O economista-chefe do HSBC Investment Bank, Alexander Bassoli, acredita que o déficit externo só continuará em queda caso o dólar permaneça em alta. Segundo ele, uma das lições do ano passado é que a desvalorização do real tem efeito muito positivo no ajuste do desequilíbrio externo do Brasil. Desde janeiro de 1999, quando houve a maxi-desvalorização do real, esse déficit vem diminuindo. Em 1998, esse número chegou ao máximo de US\$ 33,5 bilhões.

Para Bassoli, é necessário uma taxa de câmbio média de

R\$ 2,60 no ano para manter o equilíbrio nas contas externas. Ele prevê um superávit comercial de US\$ 6,8 bilhões em 2002, estimativa bem acima da média das projeções do mercado, que é de US\$ 4,8 bilhões.

O economista-chefe do BBV Banco, Octavio de Barros, lembra que, diferentemente do que ocorreu em 2001 — quando a estimativa pessimista do mercado para o resultado das contas correntes do país foi um dos fatores que mais pressionou a taxa de câmbio — os analistas estão otimistas para 2002 e, por isso, haverá menos pressão sobre o dólar. Barros, que estima um déficit de US\$ 21,3 bilhões nas contas correntes este ano, destaca o resultado positivo dos investimentos para o setor industrial em 2001:

— O setor de serviços ainda corresponde à parcela mais significativa dos investimentos, mas os ingressos externos para

a indústria cresceram 36,1% em relação ao ano 2000. É um forte aumento, que mostra a confiança do investidor estrangeiro nas perspectivas de longo prazo para o país — afirma.

Barros acrescenta que o Brasil vem conquistando importantes mercados para exportações, como Rússia, China e México. Por isso, prevê um bom ano para a balança comercial também em 2002, com superávit de US\$ 4,2 bilhões.

Dívida externa cresceu para US\$ 211,7 bilhões

O economista-chefe do Lloyds TSB, Odair Abate, lembra que, pela primeira vez em três anos, os investimentos diretos não cobriram o déficit em conta corrente do país em 2001. Este ano, o mesmo deve ocorrer. Mas, na sua opinião, o déficit não é preocupante pois será compensado por uma melhora na balança comercial.

No ano passado, os gastos com juros da dívida externa alcançaram US\$ 14,9 bilhões, contra US\$ 14,6 bilhões em 2000. Apesar do menor crescimento da economia, os bons lucros das multinacionais resultaram em remessas de lucros e dividendos maiores, que cresceram de US\$ 3,3 bilhões em 2000 para US\$ 4,9 bilhões no ano passado.

O governo e as empresas privadas acabaram se endividando mais no exterior. A dívida externa total somou US\$ 211,7 bilhões em novembro do ano passado, acima dos US\$ 204,092 bilhões de março de 2001. O governo tomou US\$ 6,5 bilhões de empréstimos dentro do acordo com o FMI. O governo responde por 44,8% da dívida externa total e 55,2% cabe às empresas do setor privado e aos bancos públicos. ■

*Do GloboNews.com